

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

ANO É CONSTRUTIVO, APESAR DOS PREÇOS RUINS

Variação Mensal Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	novembro-04	Jan - nov/04	novembro-04	Jan - nov/04	novembro-04	Jan - nov/04	
Goiás	0,55%	6,22%	0,82%	6,32%	7,10%	4,34%	13,3%
Minas Gerais	0,98%	10,35%	1,19%	14,06%	5,96%	1,81%	13,7%
Mato Grosso	0,10%	9,11%	0,21%	9,40%	3,47%	4,40%	16,2%
Mato Grosso do Sul	0,65%	10,55%	0,53%	12,56%	2,32%	5,29%	16,4%
Pará	1,41%	5,74%	1,29%	8,57%	1,12%	0,75%	8,8%
Paraná	1,37%	7,33%	1,14%	7,20%	3,29%	0,73%	6,7%
Rio Grande do Sul	0,36%	4,06%	0,48%	5,02%	4,04%	-12,30%	9,6%
Rondônia	0,34%	8,77%	0,93%	16,38%	-0,53%	1,26%	6,2%
São Paulo	0,55%	5,83%	0,58%	9,25%	3,45%	1,95%	9,2%
Brasil*	0,66%	7,87%	0,74%	9,86%	3,69%	1,49%	

*. Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais	
Indicadores	novembro-04
IGP-M	0,82%
Acumulado Janeiro	11,59%
Taxa de Câmbio	-1,93%

O ano está terminando com um resultado contábil extremamente desfavorável para os produtores. Os custos totais da atividade cresceram até novembro 9,86%, e os preços do boi, 1,49%, na média dos nove Estados inclusos nesta pesquisa. Considerando-se de novembro a novembro, o avanço dos custos totais chega a 10,27%.

Tomando-se o Estado de São Paulo (Indicador Esalq/BM&F) como base de análise, constata-se que em novembro de 2003, o valor nominal da arroba era R\$ 60,34; em novembro deste ano, quando acrescida a inflação (IGP-DI) do período, a mesma arroba equivaleria a R\$ 67,16. Contudo, o valor nominal médio do mercado foi de R\$ 60,35, ou seja, os preços reais encolheram cerca de R\$ 7,00 por arroba.

Isto indica que, em um ano, as margens dos produtores tornaram-se cerca de 20% menores, mesmo com o País respondendo por quase 25% do volume de carne bovina comercializado no mundo. Diante desse resultado, muitos ainda se restringem a reclamar, mas tantos outros que se enxergam pecuaristas profissionais compreenderam que a estratégia do setor mudou e tratam de também se adequar.

Hoje, sete em cada 10 propriedades brasileiras têm produção de carne bovina, confirmando que a pulverização dos vendedores é imensa. Contudo, a montante e a jusante do produtor, está em marcha a concentração das empresas. Já são relativamente poucas as ofertantes de insumos, e os



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

compradores de boi também tendem, pelas leis de mercado, a restringirem-se a alguns grandes nomes. O avanço das exportações tem fortalecido ainda mais o setor frigorífico, exigindo de todos os elos um processo de modernização administrativa sem precedentes.

Os produtores rurais costumam apontar os frigoríficos como os grandes vilões da história, principalmente pelo fato de ser mais fácil visualizar nos preços de venda o grande problema. Mas, até que ponto está correta essa visão?

Certas estratégias adotadas pelas indústrias, de fato, representam uma ameaça aos produtores. Alguns grupos (frigoríficos), por exemplo, partiram para megainvestimentos em confinamento, cujo retorno econômico é duvidoso, mas, do ponto de vista de estratégia de negociação, é uma forma de pressionar ainda mais os pecuaristas, mesmo não sendo um modelo sustentável no longo prazo.

Se o objetivo é ter uma visão contextualizada, mais sensato é enxergar que os movimentos do mercado de 2004 consolidaram um novo estágio da pecuária brasileira. De 1994, com o fim da inflação desgovernada, até agora, a pecuária como um todo vem aumentando consideravelmente todas as suas taxas de produtividade. Essa missão já está sendo cumprida, e a prova foi justamente a ausência de oscilações significativas dos preços tanto no período esperado de safra quanto de entressafra. Aprendida a lição de como produzir carne com altíssima produtividade, agora, o desafio é outro.

Apesar de muitos ainda resistirem em admitir que estamos novamente em época divisora de águas e preferir ficar reclamando dos preços do boi, o rumo da administração da propriedade precisa, sim, ser revisto. Com as margens asfixiadas, a atenção invariavelmente precisa se voltar para a gestão do processo.

Algumas indústrias frigoríficas e empresários rurais, coincidentemente aqueles com maior poder no mercado, já entenderam que os preços de compra e venda estão cada vez mais “commoditizados” e que ganhos com diferenciais desses preços tendem a diminuir. A chave para garantir margem está na gestão do processo, no controle dos custos e planejamento de médio e longo prazos, procedimentos ainda não incorporados à rotina da maioria dos pecuaristas.

Pela necessidade urgente de mudança que os acontecimentos deste ano trouxeram, 2004, um “ano horrível”, deve também ser comemorado. Os produtores de boi passaram no seu primeiro grande teste, sobreviveram e estão começando a procurar formas alternativas de atuação neste novo mundo. Os frigoríficos, por sua vez, têm o desafio de trabalhar a administração financeira, alongando as dívidas e diminuindo os custos do dinheiro, de maneira a criar valor e se perpetuarem como grupos consolidados. O sucesso do setor como um todo, na verdade, é baseado da dependência mútua entre compradores e produtores.

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

Análise regional e de insumos

INSUMOS MAIS IMPORTANTES SÃO OS QUE MAIS SOBEM

A um mês do encerramento do ano, a análise das variações dos custos acumulados até final de novembro revela que a maioria dos insumos com maior participação nos custos totais são justamente os que tiveram os reajustes mais elevados. A mão-de-obra, que representa 21,3% do COT tornou-se 8,33% mais cara (reajuste do salário mínimo); na seqüência vem o sal mineral, responsável por quase 15% dos gastos e que teve alta de 13,5%; máquinas e implementos agrícolas foram reajustados em quase 21%, variação significativa pelo fato de esses itens corresponderem a mais de 7% dos custos.

Dos insumos com grande participação nos custos, somente o bezerro teve queda de preço. A análise desse produto contudo, requer cautela, já que, por um dos lados, também significa perda do pecuarista. Apesar de favorecer aqueles focados em engorda, agrava a situação dos tantos outros que trabalham com cria, base da pecuária.

Em novembro, especificamente, os aumentos dos custos foram moderados. O insumo que mais encareceu a pecuária de corte nesse mês foi o importante sal mineral, com reajuste de quase 10% no Pará. No PR, em SP e no MS, as variações também foram significativas, oscilando entre 3,9% e 1,5%. Nos 11 meses deste ano, seus reajustes chegam à casa dos 13,5% na média dos nove Estados pesquisados.

Outro destaque em novembro foram os insumos para construção e manutenção de cercas – representam 4,7% do COT –, que alcançaram a maior variação mensal: 2,12%, garantindo também o maior acumulado do ano, de 23,6%. Os Estados que mais contribuíram para o primeiro lugar desses itens na variação mensal foram Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, com 6,88%, 3,27% e 3,22% respectivamente. Essa situação é puxada pelas exportações brasileiras de aço, alavancadas, entre outros motivos, pela demanda chinesa que segue aquecida.

AUMENTO DO REBANHO – Rondônia registra o maior aumento dos custos operacionais totais acumulado desde maio, puxado, por exemplo, pelo aumento de 5% nos preços dos serviços tercerizados de desmatamento em novembro. A procura por esse serviço aumentou junto com a demanda por semeio via aérea. Rondônia foi também o único Estado a ter redução mensal no preço da arroba do boi gordo (0,53%) de outubro para novembro.

Tanto os aumentos dos custos quanto as quedas do preço da arroba em Rondônia estão ligados ao crescimento do rebanho no Estado, o maior de 2002 para 2003, segundo o IBGE. Na média nacional, o rebanho cresceu 5,5% de 2002 para 2003, enquanto que em Rondônia a expansão foi de 16,82%.



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 25 de janeiro de 2005.

Apesar de possuir uma menor área de pastagem quando comparado a outros Estados, Rondônia ainda tem áreas com pastagens nativas, o que viabiliza a continuidade do crescimento do rebanho.

O maior aumento percentual foi do rebanho amazonense, na casa dos 25%. Em termos absolutos, porém, este Estado que representa 0,6% do rebanho nacional, já que passou de 895 cabeças para 1,12 milhão. Considerando-se o aumento absoluto de animais, o Mato Grosso é o Estado que merece maior destaque, já que, em 2003, contou com 2,5 milhões de cabeças a mais que em 2002. Mato Grosso do Sul também cresceu expressivamente, adicionando 1,8 milhão de animais em seu rebanho.

São Paulo, mesmo com a acirrada concorrência com a cana e a laranja, entre outros produtos de elevada remuneração, teve seu rebanho expandido em 350 mil cabeças, perfazendo o total de 14,04 milhões de animais. Boa parte desse crescimento deve-se a sistemas de produção mais intensivos.

Outras informações podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea:
19-3429-8837 / 8836 e cepea@esalq.usp.br